



45

REVISTA
PORTUGUESA
DE
HISTÓRIA

COIMBRA 2014

Nacionalismo Desportivo Pós Primeira Grande Guerra – Sucesso em ano de Jogos Olímpicos (1928)

Nationalism in Sport after World War I – Success in the year of the 1928 Olympic Games

CÉSAR RODRIGUES

Doutorando em Estudos Contemporâneos (CEIS20/UC).
Mestre em História Contemporânea, pela Faculdade de Letras da Universidade
de Coimbra (FLUC). Investigador colaborador do Centro de Estudos
Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra-CEIS20.
cesarseter@gmail.com

Resumo:

Após a Primeira Guerra Mundial, alguns Estados europeus procederam ao aproveitamento das competições desportivas, fazendo do desporto uma outra forma de fazer a guerra, num binómio que fundia a linguagem militar do futebol e as regras patrióticas de defesa da nação.

Deste modo, as seleções desportivas de certas nações revelaram-se, para os seus Estados, úteis instrumentos de unidade nacional.

Reconhecendo-se a influência dos meios de comunicação social na dinâmica social, cultural e política do futebol, procura-se examinar, através da imprensa, o potencial da seleção portuguesa de futebol como representação nacionalista e como fator de unidade nacional, aquando da participação no Torneio Olímpico de Amesterdão de 1928.

Palavras chave:

Desporto vs Política; Propaganda; Nacionalismo; Sucesso desportivo.

Abstract:

After World War I, some European states took advantage of the sports competitions, using sports as a form of making war, by merging the military language of football and the patriotic rules of national defence.

Consequently, the national sports teams in some countries proved to be useful instruments of national unity for such States.

Acknowledging the impact of mass media on the social, cultural and political dynamics of football, this study intends to look into the potential of the Portuguese football team as a form of nationalist representation and driver of national unity, on the occasion of their participation in the 1928 Olympic Football Tournament in Amsterdam.

Keywords:

Sport vs. Politics; Propaganda; Nationalism; Sporting success.

Introdução

Reconhece-se que os estados-nação e os poderes políticos a eles associados desencadearam e desenvolveram políticas tendentes à instrumentalização do futebol – e do desporto em geral –, identificando-lhe um elevado capital de representação nacional. Como resultado, têm existido aproximações cíclicas entre o futebol e a política.

A apropriação popular das seleções nacionais tem contribuído, através do discurso dos seus agentes, para reproduzir quotidianamente o que Billig¹ designa de “nacionalismo banal”. Se a atividade do futebol estiver enquadrada num quadro competitivo de sucesso de jogos internacionais com equipas e/ou seleções representativas de nações, a sua utilização pública por parte dos Estados e dos regimes associados a esse êxito torna-se uma oportunidade natural e recorrentemente aproveitada.

Após a Primeira Grande Guerra (1914-1918), com maior ou menor intensidade e de forma mais ou menos consciente, vários estados europeus procederam ao aproveitamento do desporto, desde o caso português – com pequenos episódios e de forma menos evidente – até, entre outros, aos casos italiano e alemão.

Na década de 1920 e, em especial, na década seguinte – em função do incremento de competições desportivas internacionais e da retórica nacionalista da época – alguns casos de aproveitamento político do desporto tornaram-se bem evidentes.

A década de 1930 marcaria o aparecimento de uma nova competição internacional de seleções, o Campeonato do Mundo de Futebol. Esta competição contribuiria para a promoção e afirmação das nações, pela representatividade das suas seleções. Depois da primeira edição realizada no Uruguai, em 1930, os mundiais seguintes – de Itália, em 1934 e França, em 1938 – foram palco de propaganda nacionalista, o mesmo aconteceu nos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936. Sublinhe-se ainda a este propósito que a própria linguagem de cariz militar associada, muitas vezes, ao futebol serviria como analogia para as regras patrióticas de defesa da nação, fazendo do desporto uma outra forma de fazer a guerra.

Desta forma, uma seleção nacional de futebol acaba por se tornar um privilegiado instrumento de unidade nacional, uma vez que, na linha do defendido por Hobsbawm², uma equipa composta por um conjunto de onze pessoas per-

¹ Cf. Billig, Michael – *Banal Nationalism*, 1ª ed. London: Sage Publications, 1995. 208 p.

² Cf. Hobsbawm, Eric – *Nações e Nacionalismo desde 1780*, Lisboa: Terramar, 1998. 200 p.

mite representar e de alguma forma materializar uma comunidade de milhões de pessoas.

Na linha do explicitado, procura-se analisar de que forma o potencial nacionalista do futebol foi utilizado pós-1918, num período em que tais ideais eram empolados um pouco por toda a Europa, destacando particularmente o caso português. O exercício tem como referência a participação da seleção portuguesa de futebol no Torneio Olímpico de Amesterdão, em 1928. Nesse ano, a seleção viria a conseguir uma série de resultados positivos sem paralelo até à década de 1960.³ Portugal, neste torneio, atingiria os quartos-de-final, alcançando duas vitórias e uma derrota.

Pretende-se, pela análise da imprensa portuguesa, em especial a desportiva, avaliar a retórica associada a um momento de sucesso desportivo no período que antecedeu a década de 1930. O objetivo é aferir a existência, numa época de inquietações políticas, económicas e sociais⁴, de alusões discursivas à unidade nacional e à retórica nacionalista da época.

A representação do mundo, seja ela concernente ao desporto, à sociedade, à vida política, ou a qualquer outra, está intimamente ligada à percepção veiculada pela comunicação social. As pessoas tendem a formar as suas impressões sobre o mundo a partir dos órgãos de informação podendo, inclusive, adotar as interpretações dos jornalistas, transformando a comunicação social numa influência poderosa sobre a opinião pública.⁵

Assim, o recurso particular à imprensa advém do facto de esta funcionar como veículo para o reconhecimento social da importância do fenómeno futebolístico e, ao mesmo tempo, para a difusão de um discurso que, em muitos momentos, funde as vertentes desportiva e política. Desta forma, a imprensa, ao potenciar o futebol como desporto popular, torna também a sua representação política apetecível.

A análise teve como base o jornal *Os Sports* (1919-1945).⁶ Este periódico, inicialmente trissemanário, passaria em 1928 a bissemanário, apresentando o subtítulo “A maior tiragem e expansão de todos os jornais desportivos portu-

³ Portugal obteve uma sequência de seis jogos sem derrotas, irrepitível até ao ano de 1965.

⁴ Apesar de decorridos sensivelmente dois anos sobre o golpe militar de 28 de maio de 1926, a Ditadura Militar instituída continuava a ser confrontada, durante esse período, com vários episódios de oposição política. Também a nível económico e financeiro, o país enfrentava dificuldades. Estas precipitariam o convite dirigido a Oliveira Salazar para ocupar a pasta das Finanças. Também em 1928, Óscar Carmona passaria a ocupar o cargo de Presidente da República.

⁵ Cf. Graber, Doris – “Mediated Politics and Citizenship in the twenty-first century”. *Annual Review of Psychology*. Vol. 55. 2004. p. 545-571.

⁶ O periódico tinha sede em Lisboa e, em 1928, era propriedade do *Diário de Notícias*.

gueses” tinha uma «posição de liderança no jornalismo desportivo da Capital e do próprio país».⁷ Pretendeu-se, deste modo, captar as abordagens e os discursos que eram levados ao público, ancorados num raro momento de sucesso internacional.

A Seleção Nacional de Futebol a caminho de Amesterdão

Em 1921, três anos após a Primeira Grande Guerra, a seleção portuguesa de futebol disputaria o seu primeiro encontro oficial, nesta ocasião com um desfecho adverso.⁸ Os primeiros quatro jogos internacionais realizados pela seleção portuguesa, entre 1921 e 1925, contariam sempre com o mesmo opo-nente, a Espanha, e averbariam sempre o mesmo resultado, a derrota.

A primeira vitória de Portugal seria alcançada em 1925, ao quinto jogo disputado,⁹ a qual por extraordinária, obteria grande impacto junto da população e da imprensa. O próprio jornal *Os Sports* homenagearia o selecionador Ribeiro dos Reis, entregando-lhe uma medalha comemorativa da primeira vitória internacional de Portugal.¹⁰

Em 1927, no seu nono jogo internacional, Portugal averbaria o segundo triunfo.¹¹ O resultado seria considerado brilhante, pela vitória e pelos números alcançados. O facto de o encontro, ocorrido a um dia de semana, ter sido presenciado por cerca de 18 mil espetadores, sublinharia o interesse cada vez maior suscitado pelo futebol.

O ano de 1928 iria iniciar-se com um Portugal-Espanha¹² no qual, pela primeira vez, os portugueses não seriam derrotados pelos espanhóis, conquistando um empate que foi vivido como se de uma vitória se tratasse. Após o jogo, louvava-se o feito da gente lusa, o resultado histórico alcançado, e a alegria sentida pela atuação dos onze portugueses. O jogo contou com a presença do Chefe de Estado, Óscar Carmona, que haveria de receber os jogadores no seu camarote para os saudar. No rescaldo do encontro surgem também as primeiras referências à importância da participação no Torneio Olímpico

⁷ Pinheiro, Francisco – *História da Imprensa Desportiva em Portugal*. Porto: Edições Afrontamento, 2011, pp. 190.

⁸ No encontro, disputado em Madrid a 18 de dezembro, Portugal perderia com a Espanha por 3-1.

⁹ O jogo realizou-se em Lisboa, a 18 de junho de 1925, tendo Portugal vencido a Itália por 1-0.

¹⁰ O financiamento para a aquisição da medalha foi alcançado através de subscrição pública.

¹¹ Portugal venceria a França em 16 de março de 1927 por 4-0.

¹² O jogo disputou-se a 8 de janeiro de 1928, em Lisboa, terminando com o resultado de 2-2. Foi presenciado por cerca de 30 mil espetadores, um recorde de assistência em Portugal.

de Amesterdão pela «necessidade de propaganda da nossa terra e do nosso desporto»¹³.

O jogo seguinte seria disputado, em abril, contra a Argentina,¹⁴ e contaria novamente com a presença do Presidente da República¹⁵ e com grande afluência de público. Apesar do discurso jornalístico colocar o enfoque mais no aspeto competitivo do que no resultado propriamente dito, Ribeiro dos Reis afirmaria que o resultado positivo fomentava a celebração patriótica: «O resultado – a única coisa que marca em desporto – ... constituiu uma alegria e provocou as mais variadas manifestações de patriotismo».¹⁶

Entretanto, o *Diário de Notícias* passaria a realizar a cobertura dos encontros da seleção de futebol com um novo meio tecnológico, o quadro elétrico. Este permitia acompanhar, à distância, as incidências do jogo, o que, à época, seria inovador.¹⁷ O quadro elétrico revelar-se-ia um sucesso, pois juntar-se-iam grandes multidões junto do mesmo e, simultaneamente, permitiu aproximar ainda mais a população da modalidade. Colocado na cidade do Porto, permitiu aos portuenses acompanhar as incidências do encontro disputado em Lisboa, contra os argentinos.¹⁸

Continuando a um ritmo de encontros internacionais como nunca tinha sucedido até então, a seleção portuguesa venceria a Itália, no segundo de três jogos no mês de abril.¹⁹ No dia seguinte adjetivava-se que a seleção tinha alcançado a mais brilhante vitória da sua história em encontros internacionais e, sem esquecer a equipa italiana, concluíam-se as narrativas com louvores aos portugueses: «Honra e glória às cores de Portugal! Honra e glória aos briosos componentes da equipe nacional... esta vitória desvanece-nos e orgulha-nos».²⁰

Observa-se que, por norma e apesar do incenso da vitória, são destinados também encômios para a seleção adversária o que, independentemente da sinceridade do discurso, permitiria a exaltação do sucesso português atenuada

¹³ In *Os Sports*, 11 de janeiro de 1928, p. 5.

¹⁴ Disputado em Lisboa, no dia 1, terminou com um empate 0-0.

¹⁵ Óscar Carmona, que acumulava o cargo com a presidência do Ministério seria eleito Presidente da República no dia 15.

¹⁶ In *Os Sports*, 6 de abril de 1928, p. 4.

¹⁷ O acompanhamento radiofónico dos jogos de futebol em Portugal apenas surgiria na década de 1930.

¹⁸ A 19 de março, os portuenses tinham já acompanhado, através do quadro elétrico, o jogo entre as seleções militares de Lisboa e Madrid.

¹⁹ Disputado no dia 15, na cidade do Porto, o jogo terminou com a vitória portuguesa por 4-1.

²⁰ In *Os Sports*, 16 de abril de 1928, p. 1.

pela imparcialidade da narrativa. A jornada desportiva do Porto revelar-se-ia um sucesso não só de propaganda desportiva, mas também a nível financeiro, consequência da presença de cerca de 12 mil espetadores.²¹ O resultado alcançado seria considerado a maior vitória internacional da seleção.

Começavam também a surgir os heróis nacionais, como Waldemar Mota,²² elevado por Ricardo Ornelas a fiel representante da pátria, qual nova empresa portuguesa em resgate do passado glorioso de Portugal, numa personificação da “alma portuguesa”: «Oh! Com que intensidade o sangue português, vermelho como as camisolas da nossa equipa, puro como o nosso ideal, circulou nas veias dos vencedores de domingo!». ²³ A procura dos heróis tornar-se-ia cada vez mais comum nas décadas seguintes, resultado em parte das manifestações espontâneas da população, da propaganda da comunicação social e do seu potencial político enquanto materialização de referências nacionais.

O jogo, ocorrido à tarde, seria antecedido, durante a manhã, pela proclamação do Chefe de Estado, Óscar Carmona. No dia seguinte, o *Diário de Notícias* apresentava na mesma edição, e por coincidência, dois momentos de exaltação nacional, a oficialização do novo Presidente da nação e a maior vitória internacional desportiva do país.

Portugal jogaria posteriormente com a França.²⁴ Este encontro – o último antes de Amesterdão – viria a ser pontuado pelo facto de ter sido a primeira vez, e em seis jogos, que a seleção não averbou uma derrota em jogos disputados no estrangeiro. Dois dias antes de mais um sucesso desportivo, Salazar tomaria posse da pasta das Finanças e proferiria, no Palácio de Belém, a célebre sentença “Sei muito bem o que quero e para onde vou... que o país... obedeça quando chegar a altura de mandar”. A materialização final da sua expressão seria alcançada a partir de 1933, com a instauração do Estado Novo.

Após o encontro a imprensa destacaria a boa representação do país efetuada pelos jogadores. Apesar de reconhecer que a localização geográfica se mostrava prejudicial às relações desportivas internacionais, a imprensa defendia que a seleção necessitava de resultados positivos para que também a

²¹ Foram vendidos aproximadamente 8.000 bilhetes para o peão, 3.800 ingressos para as bancadas e ainda todos os camarotes, com a receita a atingir os 120 contos.

²² O jogador do Futebol Clube do Porto marcou três golos.

²³ In *Os Sports*, 16 de abril de 1928, p. 1.

²⁴ O jogo de Paris terminou empatado 1-1 e contou com uma assistência de 30 mil espetadores. Em Lisboa, cerca de 40 mil pessoas assistiram ao encontro através do quadro elétrico do *Diário de Notícias*.

comunicação social estrangeira demonstrasse interesse no acompanhamento do “nosso futebol”.

O resultado de Paris, bem como os restantes jogos efetuados em 1928, ajudou a justificar a presença, «que muitos lhe negavam, de tomar parte, por direito próprio, na grande competição internacional», alertando que em Amesterdão seria «necessário lutar com toda a energia, e com toda a “alma” portuguesa, para honrar as cores nacionais»²⁵.

Os “heróis de Amesterdão”

Na partida para o Torneio de Amesterdão²⁶, valorizava-se o desporto como componente de educação física, mas também diplomática, social, política e moral. Assumia-se que o desporto esbatia classes sociais e credos e que, até pelas inclinações internacionalistas que se manifestavam, funcionaria como agente diplomático. Deste modo, nos confrontos internacionais, os atletas seriam, «ainda que inconscientemente, os auxiliares poderosos do trabalho das chancelarias».²⁷

O acontecimento serviria também para criticar o posicionamento do governo português em relação à modalidade, já que ao contrário da maioria dos governos estrangeiros que financiavam, organizavam e promoviam as embaixadas atléticas, em Portugal, ainda não tinham sido «suficientemente aquilatadas pelas esferas superiores os benéficos efeitos que resultam dessa propaganda do país, feita de uma forma e por processos que poderemos dizer populares».²⁸ Mais uma vez, encontra-se plasmado nestas afirmações, o potencial das representações desportivas nacionais para a imagem das nações.

A modalidade não mereceria, nesta época, o empenho do governo, pois este dirigia um país com uma difícil realidade política, económica e social. Como afirma Pinheiro, durante o período da Ditadura Militar (1926-1933) o futebol «não pareceu interessar ao poder político português» uma vez que, a nível estrutural e organizacional, o futebol «patenteou uma clara desorganização e falta de rumo no período pós-golpe militar de 1926, algo a que a Política

²⁵ In *Os Sports*, 30 de abril de 1928, p. 1.

²⁶ A seleção partiu no dia 21 e chegou a Amesterdão no dia 23, juntando-se a mais 17 seleções nacionais de futebol.

²⁷ In *Os Sports*, 21 de maio de 1928, p. 1.

²⁸ *Idem*, *Ibidem*.

não pretendia estar associada».²⁹ Nesse sentido, a imagem de desorganização e de insucesso, muitas vezes associada ao futebol português, não aliciava os dirigentes políticos para a causa da modalidade pois estes pretendiam, pelo contrário, afirmar através da ordem uma nova forma de governar.

No entanto, mesmo sem apoio estatal, acreditava-se que era possível triunfar em Amesterdão, e pedia-se que os jogadores tivessem «fé na alma portuguesa que ides representar e honrar... constituindo um só corpo, uma só alma, com uma única aspiração: VENCER!».³⁰

A seleção portuguesa de futebol faria a sua estreia numa grande competição internacional – o Torneio Olímpico de Futebol, uma espécie de oficioso Campeonato do Mundo da modalidade – no dia 27 de maio.³¹ O trajeto começaria com uma vitória,³² a primeira fora do país, e seria glorificada pela representação da “alma lusitana”, «a tradicionalíssima alma, a energia, a indomável vontade de vencer, de arrancar a vitória a todo o preço, o desejo ardente de ver flutuar triunfante a bandeira de PORTUGAL, tornou gigantes esses pequenos homens, duplicando-lhes as forças, operou o milagre!».³³

A primeira vitória da seleção fora do território nacional viria também a contribuir para a abertura das fronteiras do futebol europeu a Portugal, uma vez que começariam a chegar à Federação Portuguesa de Futebol convites para a realização de encontros amigáveis. Pareciam agora remotos os «tempos de ostracismo que obrigara a enormes actividades diplomáticas para convencer os espanhóis a aceitarem a realização do primeiro Portugal-Espanha».³⁴

No Torneio, a intensidade do discurso pátrio tornar-se-ia diretamente proporcional aos resultados globalmente positivos conseguidos pela seleção. Com o sucesso, a seleção ganharia maior representação política: «No estádio há vinte mil pessoas... que se lembram da nossa situação no mapa, que reconhecem a nossa independência na independência da nossa equipa... Olho a linha que separa os dois campos, o terreno dos nossos e o terreno dos chilenos, com se olhasse a linha da nossa fronteira, como se a nossa independên-

²⁹ Cf. Pinheiro, Francisco – “Futebol e Política na Ditadura – Factos e Mitos”. In Tiesler, Nina Clara; Domingos, Nuno – Futebol Português – Política, Género e Movimento. Porto: Edições Afrontamento, 2012, pp. 50.

³⁰ Idem, *Ibidem*.

³¹ Pertenceu a portugueses e chilenos a realização do primeiro jogo da competição.

³² Portugal venceu por 4-2, depois de ter estado a perder por 0-2.

³³ In *Os Sports*, 28 de maio de 1928, p. 1.

³⁴ Melo, Afonso – Cinco Escudos Azuis: a História da Seleção Nacional de Futebol de 1921 até aos nossos dias. Lisboa: Dom Quixote, 2004. Pp. 35.

cia estivesse ameaçada».³⁵ Ao mesmo tempo acentuava-se a retórica militar: «O “football”, para mim, é simples como uma guerra. A fronteira, as duas capitais que são as duas redes, dois exércitos, o bombardeio dos “shoots” e a bola – uma granada que se desloca num vai-vem constante».³⁶

Encontram-se, de forma cíclica, alusões à terminologia bélica e à associação do campo de futebol ao campo de batalha, onde dois exércitos desportivos se digladiam pelo conceito abstrato da honra da sua nação, tendendo a vitória para os mais patriotas, corajosos, disciplinados e viris. O jogo de futebol associava-se, deste modo, a uma outra forma de imaginar combates bélicos entre nações – enquadrado também na retórica militar de um período que a história haveria de situar entre as duas Grandes Guerras Mundiais – incorporando a necessidade das sociedades contemporâneas de vivenciarem o “descontrolo controlado das emoções” defendido por Elias, em que os espectadores poderiam «saborear a excitação mimética de um confronto entre duas equipas».³⁷

O discurso seguia o defendido por Bromberger, em que o jogo se constitui «uma forma ritualizada de guerra» e por Billig, ao defender que os homens encontram satisfação na leitura das páginas desportivas «admirando o heroísmo na causa nacional, desfrutando de uma prosa que intertextualmente evoca a guerra».³⁸

Apenas dois dias depois do jogo com o Chile, Portugal vencia a Jugoslávia.³⁹ A segunda vitória consecutiva provocou uma onda de entusiasmo, atraindo novos adeptos e cativando muitos daqueles que até ao momento se mostravam desinteressados pela modalidade.

O sucesso contribuiu para elevar em grande medida o discurso nacional, agora também utilizado por aqueles que se mostravam indiferentes à modalidade. Pero Lopez, do *Correio da Manhã* que, segundo as suas palavras, reconhecia no futebol «uma lição que nós, povo empobrecido, encontrando-nos, acidentalmente, numa fase de depressão, não podemos nem devemos abandonar» mostrando quem «nós somos e o que valem quando nos anima uma força disciplinada» ao mesmo tempo que eleva no estrangeiro o nome do «Portugal que quer reconquistar-se e ser grande».⁴⁰

³⁵ António Ferro, após vitória contra o Chile, in *Diário de Notícias*, 2 de junho de 1928, p. 1.

³⁶ Idem, *Ibidem*.

³⁷ Elias, N.; Dunning, E. – *A Busca da Excitação*. Lisboa: Difel, 1992. Pp.71-72.

³⁸ In Coelho, João Nuno – *Portugal, a Equipa de Todos Nós – Nacionalismo, Futebol e Media*. Porto: Edições Afrontamento, 2001, pp. 38, 116.

³⁹ Portugal triunfou por 2-1.

⁴⁰ In *Os Sports*, 1 de junho de 1928, p. 1.

Lopez partilharia ainda a receita para o sucesso desportivo, que nas entrelinhas, se percebe que também o seria para o país: «Basta que onze portugueses se ponham de acordo» para assegurar «um lugar em proporção com a superfície que ocupamos no mundo», seguindo a lição dada em Amesterdão pelos «poucos portugueses filhos do povo, que nobremente nos estão representando... cumprindo honradamente o seu dever».⁴¹

Era perceptível o poder que o futebol, em particular quando enquadrado em seleções representativas de nações, tinha para atrair até os menos enamorados pelo fenómeno, levando a que estes também se sensibilizem e associem aos êxitos à grandeza do país. As afirmações faziam ainda referências ao momento do país. E se por um lado, as vitórias serviriam para curar a depressão de um povo empobrecido, por outro serviam de exemplo aos comportamentos adequados para os bons desígnios de governo do país, com referências à necessidade de concórdia e de disciplina – ansiadas, por muitos, neste período, em Portugal.

O jogo forjaria também um novo herói nacional, Augusto Silva.⁴² Este teria sido o intérprete da invencível alma dos portugueses, que ao lembrar-se da «glória que o triunfo representaria para a Pátria distante» fez da sua vitória, a «vitória de Portugal».⁴³ A visibilidade e intensidade da apropriação nacional do futebol vai, deste modo, aumentando em linha com o sucesso alcançado. Se as odes à nação surgem de forma menos nítida antes do início do Torneio de Amesterdão, tornar-se-ão mais visíveis após a primeira vitória e, de forma descomplexada, atingem grande intensidade depois do segundo triunfo que, nem a derrota seguinte, reduzirá. Assim, através da imprensa, fator influente na perceção do real, é realçada a mensagem da glorificação da nação.

Na projeção do jogo seguinte, com o Egito, para os quartos-de-final da competição, a imprensa preparava o eventual desaire, lembrando que não se poderia esquecer o feito de Portugal, vincando que «a alma que nos fez ganhar batalhas, a alma que nos fez triunfar em desporto, é a alma de uma raça imorredora!».⁴⁴ Após o percalço,⁴⁵ preparava-se o povo para acolher a seleção que «honrou no estrangeiro o nome da nação a que pertence» e que chamou

⁴¹ Idem, *Ibidem*.

⁴² O jogador do Belenenses marcaria o golo da vitória nos instantes finais da partida.

⁴³ In *Os Sports*, 1 de junho de 1928, p. 1.

⁴⁴ Idem, *Ibidem*.

⁴⁵ Derrota com o Egito por 2-1.

a «atenção dos estranhos para este povo da Península Ibérica, tantas vezes olvidado pelos outros povos».⁴⁶

O sucesso de Amesterdão como afirmação da Nação

O desempenho dos portugueses no Torneio elevou o desempenho da representação nacional do futebol a um relevante papel político para a própria afirmação internacional da nação, numa clara associação entre política e futebol.

Acreditava-se que os jogadores tinham feito «alguma coisa importante a favor da sua pátria», ao mesmo tempo que se reconhecia que produzia «menos ruído no mundo a descoberta de um sábio do que a vitória de um grupo de football num torneio olímpico».⁴⁷

Regista-se a tentativa de colocar no devido contexto a façanha, denotando um esforço de relativização, para que a proeza não se tornasse demasiado politizada.

Porém, a necessidade de reduzir o verdadeiro alcance desportivo acaba por, paralelamente, servir de reconhecimento de que o futebol revela um manancial de aproveitamento político e social – nomeadamente como germinação de sentimentos patrióticos e afirmação de uma raça e de uma nação, e de critério de desenvolvimento social. O texto continua no mesmo registo, concretizando que uns poucos patrícios tinham demonstrado capacidade para lutar, em competição com outras raças e perante milhares de estrangeiros, para logo depois questionar: «Vivemos numa época com um sentido prático talvez excessivo, em que a supremacia do músculo vai assentando arraiais demasiadamente dilatados? É possível. Mas a audácia, a coragem, a destreza e a força, eletrizam as multidões, dominando-as, prendendo-as, subjugando-as».⁴⁸ Mais uma vez, surge a associação bélica, num registo de sociedades que se encontravam a albergar ideologias nacionalistas.

Se o objetivo não passava por sobrevalorizar o papel do desporto, também não tinha o objetivo de minorizá-lo, mas antes recuperar a divisa da mente sã em corpo são, pelo que se é «absolutamente necessário que um povo possua uma elite intelectual» é igualmente necessário que «esse povo demonstre também que os seus homens têm bravura, virilidade e destreza».⁴⁹ Reconhecia-se a valorização de Portugal através do futebol e salientava-se a ideia de que o

⁴⁶ In *Os Sports*, 8 de junho de 1928, p. 1.

⁴⁷ Idem, *Ibidem*.

⁴⁸ Idem, *Ibidem*.

⁴⁹ Idem, *Ibidem*.

desporto também seria intelectualmente enriquecedor e que para o sucesso desportivo também concorreria o bom uso das faculdades mentais.

Seria também retomada, a partir da atuação da seleção, a lição moral de que a postura dos jogadores devia ser transposta para a sociedade portuguesa. Uma postura que permitia ainda reformular a visão da comunidade internacional sobre o país. Assim, se corria «mundo a fama de que nós portugueses, somos umas pessoas insaciáveis, às turras», ideia aumentada «pelas notícias sempre exageradas das nossas revoluções», a seleção demonstrou que «onze portugueses em campo, lutando com estrangeiros, formaram um bloco cerrado, com um entendimento perfeito, com uma só vontade e uma só alma».⁵⁰

A fama referida parece aludir, em parte, à ideia defendida pela política oficial do regime de que o Liberalismo e a Primeira República Portuguesa teriam sido um tempo de um certo desgoverno e de instabilidade política. Deste modo, a visão negativa de um Portugal desordeiro aos olhos do mundo teria sido combatida e resgatada pelos “jogadores de Amesterdão”, servindo de exemplo à nação das potencialidades da pátria, se servidas por um ideal comum, pela ordem, pela organização, pela força da união.

Depois do Torneio, pareciam distantes algumas vozes que, antes de Amesterdão e por razões diversas – indiferença pelo jogo, desaprovação pelas despesas inerentes à deslocação, receio de resultados que deslustrassem o futebol português ou outras – se tinham insurgido contra a presença portuguesa no Torneio, vozes tidas como vazias de espírito patriótico.

Assim, assinalava-se com satisfação que os anteriores críticos «patrioticamente desanimados e amargamente desiludidos» revelavam agora contentamento com o feito obtido, pelo que seria o momento da nação saudar os jogadores que, em competição com «diferentes raças, afirmaram a sua raça, com nobreza e galhardia».⁵¹ Deste modo, no regresso da seleção germinaria, na imprensa, um discurso de agradecimento aos representantes da nação, promovendo uma receção apoteótica. O discurso utilizava uma retórica metafórica, em que os jogadores eram representados como um conjunto de soldados que regressavam à pátria para serem aclamados em triunfo, após a vitória no campo de batalha.

O objetivo de uma receção patriótica seria atingido, e reforçado pelo facto de a chegada ter coincidido com o dia da “Festa da Raça”, a 10 de junho. O regresso, feito de comboio, ficaria marcado por uma sequência de manifestações de contentamento da população, nas várias estações ferroviárias

⁵⁰ Idem, *Ibidem*.

⁵¹ Idem, *Ibidem*.

onde se efetuaram paragens, desde Vilar Formoso até Lisboa, passando pela Guarda, Pampilhosa do Botão e Coimbra, onde milhares de pessoas aclamariam a seleção.

Na chegada à estação do Rossio, em Lisboa, teria lugar a consagração final dos jogadores, recebidos por dezenas de milhares de pessoas, seguramente nem todas particularmente adeptas do desporto. A multidão haveria de acorrer a todos os locais do cortejo: Câmara Municipal de Lisboa, Praça Luís de Camões – para prestar homenagem ao grande épico –, e Associação de Futebol de Lisboa (AFL). Desta forma, o dia da “Festa da Raça” servia também de pretexto para a sequência de homenagens à seleção, acabando por fomentar ainda mais a jornada patriótica que se instalou no país.

No dia seguinte, surgiam expressões inflamadas, em que o «estrangeiro altivo e desdenhoso teve de reconhecer-nos e teve de colocar-nos a seu lado, acima de si próprio até».⁵² Retomava-se a exaltação da alma e da raça portuguesa, das qualidades físicas e da sublimação da pátria, numa retórica do grande Portugal, não deixando de censurar a conflituosidade e minorização existente na mentalidade dos portugueses que, caso se alterasse, permitiria alcançar ainda um novo estádio de grandeza: «esta raça que foi grande, que grande continua a ser, a despeito do que tanto se apouca a si própria, e que maior será no dia em que queira e saiba valorizar-se, esta raça de povo pequeno possui uma alma que os grandes povos poderão com justiça invejar».⁵³

O sucesso do futebol aproximava as classes. A seleção era, deste modo, enquadrada como uma singular representação nacional que congregava e unia o povo, fazendo esquecer, mesmo que por noventa minutos, todas as divergências internas. Ao mesmo tempo, favorecia um discurso nacional, valorizando a nação de forma absoluta, mas também de forma relativa, em comparação com outros povos. O discurso entrelaçava, assim, o grande Portugal com a essência simples e humilde dos portugueses.

Destacam-se, ainda, mais dois momentos de consagração aos jogadores. O primeiro ocorreu no Porto, com louvores aos dois jogadores da cidade.⁵⁴ A chegada destes à estação de S. Bento despoletou uma receção calorosa de milhares de entusiastas. A cidade festejava uma dupla representação, a de desportistas portugueses e de portuenses – se onze jogadores concretizavam Portugal, dois deles concretizavam simultaneamente o Porto –, algo nunca esquecido por uma cidade que se sentia menosprezada pela capital, numa

⁵² In *Os Sports*, 11 de junho de 1928, p. 1.

⁵³ *Idem*, *Ibidem*.

⁵⁴ Waldemar Mota e Óscar Carvalho.

celebração também bairrista. Os jogadores seriam recebidos na sede da Associação de Futebol do Porto, para onde confluíram nova multidão de admiradores do desporto ou de indiferentes ao futebol mas afeiçoados ao sucesso pátrio.

O jornalista Luís Martins aproveitaria a narrativa do acontecimento do Porto para afirmar que o desporto prestara valioso contributo à causa desportiva e salientara a sua grande influência, atraindo, desta forma, até os que desprezavam a modalidade. E confirmaria a máxima de que o desporto unia as classes, visível numa turba que agregava «o rico e o pobre, o poderoso e o humilde» e, por fim, valorizando a vivência do ar livre como «uma das primeiras forças deste país».⁵⁵ Este género de discurso cumpria, para a imprensa desportiva, uma tripla aspiração: apoiada nos sucessos desportivos, promovia o crescimento da modalidade e simultaneamente do jornalismo especializado, ao mesmo tempo que educava para o relevante papel a desempenhar pelo desporto na própria sociedade. Assim, o desporto, sem «perder uma só partícula dos seus intuitos regeneradores» constituía-se como «uma das manifestações da atividade nacional, com cuja influência é indispensável contar».⁵⁶

Outra triunfal homenagem aconteceria na cidade de Viseu.⁵⁷ No banquete, e de entre os vários discursos que tinham em comum um sentido patriótico, destacar-se-ia o proferido pelo secretário da Federação Portuguesa de Futebol (FPF), Ribeiro dos Reis – também jornalista e ex-selecionador –, o reforçaria o potencial político da seleção ao asseverar que a presença portuguesa em Amesterdão teria concorrido «para que se ficasse sabendo o que até então era por muitos ignorado lá fora – “que entre espanhóis e portugueses havia diferença de raças”».⁵⁸

Pelo acompanhamento generalizado dos jogos da seleção e pelas sucessivas recepções aos jogadores um pouco por todo o país é possível inferir que o sentimento patriótico de louvor pelos feitos alcançados por onze portugueses não estavam circunscritos a determinada região do país, mas antes atingiam uma verdadeira dimensão nacional.

Eram, assim, várias as alusões ao futebol como uma representação que vai para além do tempo regulamentar do jogo, tendo a capacidade de resgatar a pátria e a raça portuguesa do desconhecimento em que, supostamente, parte da comunidade internacional tinha o país.

⁵⁵ In *Os Sports*, 15 de junho de 1928, p. 2.

⁵⁶ Idem, *Ibidem*.

⁵⁷ Ocorrida no dia 13 de junho.

⁵⁸ In *Os Sports*, 18 de junho de 1928, p. 3.

O futebol, modalidade popular de fácil compreensão e de exercício combativo, incorporava uma relevância que ultrapassava o desporto. Nessa visão, em Amesterdão tinha estado «em jogo também uma superioridade rática».⁵⁹ O jogo adquiria um poder místico, uma vez que os jogadores transportavam a representação da nação, enquanto esta se reunia e unia suspensa na dicotomia da vitória/derrota desportiva, que seria, em última instância, também a do próprio país.

O reconhecimento ao trajeto da seleção seria extensível à estrutura federativa que serviu de suporte aos jogadores, nomeadamente a Salazar Carreira e Ribeiro dos Reis, secretários da FPF; e Cândido de Oliveira, Ricardo Ornelas, e Mário de Castro, como elementos do Comité da Seleção. Era preciso não esquecer que à energia despendida pelos atletas se associou o trabalho dos dirigentes «o esforço intelectual tão fatigante como o muscular», pelo que se devia reconhecer aqueles que contribuíram com a sua inteligência e diplomacia para que «Portugal saísse do torneio de Amesterdão coberto de glória, envolto de prestígio, respeitado e admirado em todo o mundo».⁶⁰ Os resultados obtidos em Amesterdão iriam ainda contribuir para «aumentar as expectativas da crítica e do público quanto à competitividade da equipa lusa nos confrontos internacionais».⁶¹ Apesar disso, na década seguinte tal expectativa não seria concretizada em desfechos globalmente positivos.

Se as homenagens se estenderiam no tempo, também a capitalização nacional do resultado de Amesterdão se prolongaria, uma vez que «para um país a ficar enfeitado pelo jogo, o que a seleção fez em Amesterdão foi épico».⁶² Um mês após a participação em Amesterdão, Ribeiro dos Reis afirmava que o desporto português tinha prestado um grande serviço ao país, recuperando palavras elogiosas à seleção nacional retiradas da imprensa internacional, em particular em periódicos franceses. Reforçava também que mais do que propaganda do futebol, os jogadores fizeram «sobretudo uma grande propaganda da nossa terra, circunstância esta que não deve passar despercebida aos altos poderes».⁶³

⁵⁹ In *Os Sports*, 11 de junho de 1928, p. 1.

⁶⁰ In *Os Sports*, 22 de junho de 1928, p. 1.

⁶¹ Serrado, R.; Serra, P. – História do Futebol Português. Vol. I. Lisboa: Prime Books, 2010. pp. 256.

⁶² Vieira, Joaquim (dir.) – Crónica de Ouro do Futebol Português – A Seleção. Vol. I. Lisboa: Circulo de Leitores, 2008. pp. 29.

⁶³ In *Os Sports*, 9 de julho de 1928, p. 1.

Ribeiro dos Reis afirmava que a propaganda do país não se devia basear na burocracia que muitos defendiam. E colocando-se mais uma vez em situação de igualdade o binómio físico/intelecto, concluía-se que a melhor propaganda do país seria conseguida tanto pela inteligência e como pelos músculos, tanto por cientistas como por desportistas, em síntese, por todos os «homens que se mostrem capazes de vencer na tribuna dos conferencistas e nos estádios onde a força e a destreza imperam como rainhas».⁶⁴

Em Portugal era, assim, a imprensa desportiva que ia insistentemente valorizando a capacidade de representação nacional do futebol, apesar de se manifestar discordante do seu aproveitamento político. Os discursos possuíam também, por vezes, o duplo sentido de valorizar o desporto e reprovar a ação dos atores políticos de que é exemplo a observação de Gilberto de Carvalho, jornalista do periódico de Viseu, *A Voz da Verdade*: «As embaixadas desportivas parece-me prestarem ao país mais serviços do que alguns diplomatas seus».⁶⁵

As referências ao descuido do Estado português para com a vertente física e desportiva surgiam com alguma frequência. Afirmava-se que o Estado não favorecia a causa desportiva. Lembrava-se ainda que a seleção tinha prestigiado a nação sem que o Estado tivesse efetuado qualquer investimento na representação portuguesa. As declarações do jornal *Os Sports* parecem indicar a ausência de investimento do Estado no futebol.

O próprio Ministério da Instrução viria a proibir a prática da modalidade entre 1 de julho e 15 de setembro de cada ano, uma medida decretada em julho de 1928 – já após o sucesso da participação da seleção portuguesa de futebol nos Jogos Olímpicos – o que não favoreceria o desenvolvimento do futebol. A interdição deliberada pelo Ministério chefiado por Duarte Pacheco teria como objetivo uma prática desportiva sadia, sustendo «a fúria dos aficionados, obrigando os jogadores a um repouso salutar ou desviando-os para outros desportos próprios da estação, como o atletismo, a natação, o water-polo».⁶⁶

Assim, da parte do governo, não existiria um plano elaborado para o seu aproveitamento da modalidade. O que não invalida que nos momentos de sucesso este não fosse aproveitado pela política.

Na inauguração do Torneio Olímpico de Futebol de Amsterdão, o presidente da FIFA, Jules Rimet, sublinhava no periódico holandês *Telegraaf* que

⁶⁴ Idem, *Ibidem*.

⁶⁵ In Idem, *Ibidem*.

⁶⁶ In *Os Sports*, 6 de julho de 1928, p. 1.

a dinâmica do futebol ultrapassava o próprio jogo, afirmando que o Torneio favorecia as relações internacionais.

No entanto, alguns episódios iam demonstrando que o desporto podia também ter uma utilização transviada do seu carácter de suposta comunhão entre os povos. Pretendia-se, muitas vezes, através do futebol, demonstrar a superioridade, pelo menos, física de determinada nação.

Cite-se o exemplo ocorrido em Itália no ano de 1928. A 25 março, a seleção italiana defrontou a sua congénere húngara em Roma. Ao intervalo, a Itália perdia por 0-2, mas no final do encontro venceria por 4-3. O discurso utilizado pelo periódico italiano, *Gazzetta dello Sport*, na análise da vitória seria de grande eloquência ao afirmar que «a alma de Mussolini que pairava sobre o estádio» teria permitido aos jogadores italianos «o andamento brilhante que lhes deu o triunfo»⁶⁷, numa apropriação e instrumentalização do sucesso da seleção ao serviço da política fascista de Mussolini e do culto do seu chefe. Assim, em 1928 vislumbrava-se, através do futebol, a efervescente retórica nacionalista associada ao período posterior à Primeira Grande Guerra.

No caso português, também os telegramas de felicitação dirigidos à seleção, durante o torneio de Amesterdão, atestam a sua capacidade para unir uma nação. Expressões telegráficas como «tem sua fé patriótica ação irá até final demonstrando ao mundo valor imortal alma lusitana» do Sport Algés e Dafundo, «Honrai a Pátria que a Pátria vos contempla», do Banco Nacional Ultramarino, «continuem erguendo glorioso nome lusitano» da Academia de Coimbra, «confiam mais alto levantareis nossa Pátria» de um grupo de portugueses do Rio de Janeiro, «estão erguendo alto nome Portugal» do Presidente da Comissão dos Padrões da Grande Guerra, ou «A Pátria pede para vencerdes»⁶⁸ do Sport Lisboa e Castelo Branco, demonstram a projeção do sucesso e resumem o potencial de representação patriótica e de unidade da nação.

Conclusão

Para Portugal, o Torneio de Amesterdão representaria o primeiro grande momento de sucesso de uma modalidade até esse momento adotada pelas massas populares e acarinhada pela imprensa desportiva, mas desprezada pelas instâncias políticas e pela classe intelectual. Estas olhavam com desconfiança para os jogadores, dirigentes e adeptos da modalidade em função das

⁶⁷ In *Os Sports*, 30 de abril de 1928, p. 1.

⁶⁸ In *Os Sports*, 22 de junho de 1928, p. 1.

referências a episódios tumultuosos ligados ao futebol. No entanto, o Torneio contribuiria para que, lentamente, os dirigentes políticos e desportivos se apercebessem das vantagens de estabelecer relações entre ambos os campos, em função das virtudes sociais e propagandísticas, favorável aos primeiros, e do apoio regulamentar, organizacional e infraestrutural, benéfico aos segundos.⁶⁹

O discurso da imprensa chegou a integrar, por vezes, referências mais ou menos explícitas ao contexto de conflitualidade política e social que se vivia em Portugal, servindo o futebol como fator de união da nação e até como exemplo de sucesso a ser seguido pelo país. O êxito da seleção e o facto de o sucesso ter ocorrido num contexto internacional iria favorecer a associação do futebol à nação, tendo o discurso de exaltação nacional e da raça portuguesa aumentado na direta proporção do nível dos triunfos obtidos.

Importa referir que a profusa utilização da palavra raça na imprensa da época nem sempre pretendia ter uma conotação de superioridade rácica, sendo também empregue para representar uma determinada especificidade portuguesa, no sentido de se distinguir do oponente, do “outro”. O mesmo sucede no que refere ao discurso de exaltação patriótica, pois aquele resultaria mais de uma forma de expressão do que de uma ideologia, obrigando o investigador a definir a «possível distinção entre um discurso nacionalista banal e um discurso nacionalista pragmático», sem que o primeiro seja alvo de «maior condescendência analítica» pois a distinção entre o primeiro caso e o nacionalismo ideológico «não permite que se ignore a afinidade e a continuidade entre ambos».⁷⁰

Em regra, neste período, o discurso da imprensa pretendia atestar a importância do papel moral do desporto, denotando uma preocupação com a educação desportiva da população. Assim, não nos parece que, na generalidade das situações, se pretendesse retirar um efetivo aproveitamento político do futebol, ideia reforçada pela circunstância de alguns atores desportivos afirmarem a necessidade de completa autonomia entre as duas áreas. Em 1926 – dois anos antes do sucesso de Amesterdão e após o golpe militar do General Gomes da Costa que poria fim à I^a República e daria início à Ditadura Militar – Cândido

⁶⁹ Cf. Pinheiro, Francisco – “Futebol e Política na Ditadura – Factos e Mitos”. In Tiesler, Nina Clara; Domingos, Nuno – Futebol Português – Política, Género e Movimento. Porto: Edições Afrontamento, 2012, pp. 48.

⁷⁰ Neves, José – “As Chuteiras Não Têm Pátria – Futebol, Nacionalismo e Tempo”. In Neves, José; Domingos, Nuno – A Época do Futebol. O Jogo Visto Pelas Ciências Sociais. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004, pp. 95-97.

de Oliveira⁷¹ defenderia no jornal *Os Sports* a separação entre o desporto e a política: «Em desporto não há política, no sentido restrito do vocábulo (...). No dia em que os desportistas se agruparem ou se distinguirem uns dos outros pelo credo político que professam, ter-se-á perdido o desporto».⁷²

Em 1928, ainda a propósito da associação entre o futebol e a política, seria reafirmada a necessidade de separação entre as duas áreas: «Não louvamos a ideia. Antes vivamente a combatemos. O desporto, modalidade superior da confraternização humana, nivela todas as profissões e categorias, abdica de todos os credos, deve viver alheio a todas as lutas políticas e sociais».⁷³ A censura revelada pelo jornalista à conjugação de interesses entre o futebol e a política acabava por atestar, ao mesmo tempo, o valor político do futebol.

A retórica da imprensa de separação entre o futebol e a política e, ao mesmo tempo, defensora da humildade competitiva no sentido de que o mais importante seria participar nas competições desportivas, esbatia-se quando as vitórias emergiam, sobressaindo com estas o enaltecimento do feito sob uma perspetiva nacionalista e de unidade nacional. Mas tal discurso de associação política seria, no entanto e em muitos casos, inconsciente.

A partir do sucesso da seleção de futebol nos Jogos Olímpicos de Amesterdão, a imprensa e o futebol passaram a estabelecer entre si uma relação mais efetiva, que mais tarde a política também haveria de, em parte, acompanhar.

A falta de um premeditado e consciente aproveitamento político, não significa, porém, a sua total ausência pois, independentemente da escala de intensidade, o aproveitamento existe sempre. Assim, se a retórica nacional, está presente mesmo quando não é intencionalmente promovida, podemos facilmente avaliar o seu potencial discursivo quando o desporto de seleções representativo de um espaço nacional se coloca ao serviço dos Estados – no caso de sucesso internacional – se pré-orientado de forma a legitimar e inculcar a mensagem oficial dos seus governantes. E o aproveitamento torna-se ainda mais atrativo porque pode ser utilizado de forma subliminar, escudado na putativa premissa de que o desporto é uma área neutra e independente da política.

A importância do feito alcançado em Amesterdão ficaria também sublinhada pelo facto de, 14 anos mais tarde, a efeméride ter sido recuperada para

⁷¹ Cândido de Oliveira destacou-se enquanto jogador e treinador de futebol – de clubes e de seleção – mas também como dirigente desportivo e jornalista. Foi ainda cofundador, em 1945, do jornal *A Bola*.

⁷² In Pinheiro, Francisco – Futebol e Política na Ditadura... pp. 47.

⁷³ In *Os Sports*, 11 de junho de 1928, p. 4.

enquadrar a primeira vitória portuguesa contra a Suíça.⁷⁴ Num encontro a que assistiu Óscar Carmona, e em que este terá recebido a «maior ovação que um Chefe de Estado português» alguma vez recebera em acontecimentos desportivos, o jornal *Os Sports* titulava: «O espírito e o sistema do “team” olímpico ressurgiram».⁷⁵

Reconhecendo-se a influência dos meios de comunicação social na representação social, cultural e política do futebol, procurou-se examinar o potencial da seleção portuguesa de futebol como representação nacionalista e como fator de unidade nacional, aquando da participação no Torneio Olímpico de Amesterdão de 1928. Durante a década de 1920, a imprensa tornou-se um importante aliado na difusão e popularização do futebol – nessa década surgiram 166 novas publicações desportivas portuguesas⁷⁶. A série de bons resultados desportivos da seleção no ano de 1928, os contributos da imprensa para a promoção da modalidade – como a utilização do quadro elétrico do *Diário de Notícias* e o discurso de tom positivo utilizado – e a participação num torneio de dimensão mundial, concorreram para a afirmação da modalidade em Portugal.

O acompanhamento da imprensa ao primeiro sucesso internacional de uma representação nacional contribuiu para que, através do futebol, se adquirisse uma particular representação política do país. Por outro lado, a imprensa iria também refletir a sua interpretação da realidade política, não sendo imune ao tempo histórico que se vivia.

Em conclusão, a “seleção de Amesterdão” – permitiria a elaboração de um discurso, por parte da imprensa, de comunhão e glorificação nacional, de enaltecimento do futebol, mas também da raça e da nação. Ancorado nos feitos alcançados pela representação portuguesa, esse discurso, não deixaria de sugerir um registo que englobava a retórica nacionalista da época e a unidade nacional.

Terminaremos com as palavras de António Ferro – enviado especial do *Diário de Notícias* a Amesterdão – após a primeira vitória de Portugal no estrangeiro. No seu estilo revelava-se aquele que viria a ser, a partir de 1933, o diretor do Secretariado da Propaganda Nacional. No seu texto encontram-se referências que pretendem revalorizar o passado e servir de modelo para

⁷⁴ O encontro realizou-se em Lisboa a 1 de janeiro de 1942. Ao quarto jogo contra os helvéticos, Portugal alcançaria a sua primeira vitória (3-0).

⁷⁵ In *Os Sports*, 3 de janeiro de 1942, p. 1.

⁷⁶ Cf. Pinheiro, Francisco – História da Imprensa... pp. 451.

o futuro, afirmando-se a vitória da seleção de futebol como uma lição para o tempo presente que se vivia:

«E é então que se dá o milagre, o milagre eterno da nossa raça, o milagre da “Ilustre Casa de Ramires”, o milagre da vitória que nasce da própria derrota, que nasce do amor próprio, do orgulho da nossa raça, que nasce da nossa alma que pôde sempre mais do que o nosso corpo! Fomos sempre assim, grandes e pequenos, pela mesma razão... Descemos para subir, afundamo-nos para voar! Só achamos que vale a pena quando parece que não vale a pena... Temperamento arriscado, perigoso. Aljubarrota, sim! E Alcácer-Quibir? (...) Tudo nas mãos e tudo no chão! A volúpia das vitórias mutiladas, o deslumbramento da Terra Prometida (...) Pois iriam fazer o impossível... marcam os dois “goals” libertadores... (...) E o meu coração, no meu peito é uma bola de borracha, ligeira, cheia de cores alegres, a bola do meu filho... Eu arrumo os meus papéis, o meu coração e os meus nervos. Os jornalistas estrangeiros felicitam-se, efusivamente, pela vitória e eu agradeço, como se tivesse metido os quatro “goals”!... Ao pé de mim, um jornalista sul-americano pergunta a um espanhol: “Qual daquelas, afinal, a bandeira portuguesa?”. Sou eu próprio que lha indico, num alvoroço. Amanhã, com certeza, há mais bandeiras portuguesas em Amesterdão...».⁷⁷

Fontes Impressas

Diário de Notícias.

Os Sports.

Bibliografia

- BILLIG, Michael – Banal Nationalism, 1^a ed. London: Sage Publications, 1995. 208 p.
- COELHO, João Nuno – Portugal, a Equipa de Todos Nós – Nacionalismo, Futebol e Media. Porto: Edições Afrontamento, 2001. 239 p.
- COELHO, J. N.; FRANCISCO, P. – A Paixão do Povo: História do Futebol em Portugal. Porto: Edições Afrontamento, 2002. 712 p.
- DOMINGOS, Nuno – “O Gesto no Jogo”. In NEVES, José; DOMINGOS, Nuno – A Época do Futebol. O Jogo Visto Pelas Ciências Sociais. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004. p. 305-328.
- ELIAS, N.; DUNNING, E. – A Busca da Excitação. Lisboa: Difel, 1992. 421 p.

⁷⁷ António Ferro, após a vitória contra o Chile, in *Diário de Notícias*, 2 de junho de 1928, p. 1.

- GARCIA, Rui Proença – “De um Desporto sem Ideologias para Um Desporto com Ideias”. In BENTO, Jorge Olímpio; CONSTANTINO, José Manuel (Coord.) – O Desporto e o Estado – Ideologias e Práticas. Lisboa: Edições Afrontamento, 2009. p. 309-325.
- GRABER, Doris – “Mediated Politics and Citizenship in the twenty-first century”. *Annual Review of Psychology*. Vol. 55. 2004. p. 545-571.
- HOBBSAWM, Eric – Nações e Nacionalismo desde 1780, Lisboa: Terramar, 1998. 200 p.
- KUMAR, Rahul – “Da Bancada aos Sofás da Europa – Apontamentos sobre os Média e o Futebol no Século XX Português”. In NEVES, José; DOMINGOS, Nuno – A Época do Futebol. O Jogo Visto Pelas Ciências Sociais. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004. p. 231-262.
- MELO, Afonso – Cinco Escudos Azuis: a História da Selecção Nacional de Futebol de 1921 até aos nossos dias. Lisboa: Dom Quixote, 2004. 351 p.
- NEVES, José – “As Chuteiras Não Têm Pátria – Futebol, Nacionalismo e Tempo”. In NEVES, José; DOMINGOS, Nuno – A Época do Futebol. O Jogo Visto Pelas Ciências Sociais. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004. p. 55-102.
- NEVES, José; DOMINGOS, Nuno – Uma História do Desporto em Portugal – Corpo, Espaços e Média. Vol. I. 1ª ed. Vila do Conde: QuidNovi, 2011. p. 7-24.
- PINHEIRO, Francisco – “Futebol e Política na Ditadura – Factos e Mitos”. In TIESLER, Nina Clara; DOMINGOS, Nuno – Futebol Português – Política, Género e Movimento. Porto: Edições Afrontamento, 2012. p. 47-82.
- PINHEIRO, Francisco – História da Imprensa Desportiva em Portugal. Porto: Edições Afrontamento, 2011. 478 p.
- SERRADO, R.; SERRA, P. – História do Futebol Português. Vol. I. Lisboa: Prime Books, 2010. 671 p.
- VIEIRA, Joaquim (dir.) – Crónica de Ouro do Futebol Português – A Selecção. Vol. I. Lisboa: Circulo de Leitores, 2008. 223 p.